

## A EFICÁCIA INTERNA DA FORMA FAZER + V NA AQUISIÇÃO DOS CAUSATIVOS LEXICALIZADOS

Rosa Attiê FIGUEIRA (Universidade Estadual de Campinas)

*ABSTRACT: In this paper, I shall present longitudinal data on the development of the lexical expression of CAUSE by one child learning Portuguese as her first language. I observed that non-causatives are used for causatives, and causatives are used for non-causatives. I argue that both types of deviation provide evidence for an analysis, according to which the child in the beginning takes into account the syntactic structure where causative verbs occur, neglecting other expressive resources, such as lexical resources. I also observed that the construction with fazer which appears later has a double role in the grammatical system which is being constructed: it has both external and internal efficiency. This internal efficiency makes the analysis of lexicalized causatives possible to the extent it permits the discovery of the relationship between derubar and fazer cair, matar and fazer morrer, tirar and fazer sair.*

### 1. Considerações iniciais

A investigação em torno da aquisição da expressão de causatividade por uma criança brasileira aprendendo o português como língua materna (Anamaria, A daqui para frente), no período compreendido entre 2;8 a 5 anos de idade<sup>1</sup>, levou-nos a reconhecer duas fases no seu desenvolvimento, marcadas pela ocorrência mais densa de dois tipos de desvios<sup>2</sup>: a) uso de um item não-causativo por causativo (ex: *Quem saiu este esmalte do dedo?*); b) uso de um item causativo por não-causativo (ex: *Tirou o es-*

*malte* (= *O esmalte saiu*). A primeira em torno de 3;6 a 4;2, a segunda em torno dos 4;2 a 5 anos de idade de nosso sujeito. Tais desvios foram interpretados como relevando de um uso particular imposto à forma verbal, resultante da obliteração de uma oposição lexical, estando o foco de atenção sobre o objeto linguístico colocado, neste estágio de organização do subsistema de causatividade, predominantemente sobre a ordem sintática (ver Figueira 1984 e 1985).

Ao longo do período observado, assistiu-se também à emergência da forma composta com *fazer*, cuja entrada no sistema em elaboração pode ser associada à expressão de causa indireta, não-manipulativa. Assim é que, no período de 3 a 3;11 predominantemente, as construções com *fazer* mostram a tentativa de conceptualização de uma relação causal mais complexa, onde estão envolvidos eventos e ações temporalmente afastados, entre os quais se pode supor um elo de causalidade (ex: *Foi você que me fez molhada, Você fez acabar de lavar roupa tudo agora, Um dia a Luísa me fez beber dessa (água) daqui*). A isto chamamos de eficácia externa comunicativa da forma *fazer + V*, e procuramos mostrar que a expressão surge em situações de elocução bem parecidas: dado um estado de coisas presente (ou passível de ser trazido para a consideração presente), se este é considerado negativo, a criança deve responsabilizar alguém por este estado, afastando de si a culpa (ver Figueira 1985 e 1986).

Mas não é este o único papel desempenhado pela expressão composta na construção do subsistema de causatividade na fala de A. Por volta dos 4;8 e daí em diante, registra-se algumas ocorrências de *fazer + V* em que a situação causativa é direta e manipulativa, podendo a forma composta ser substituída por um item verbal simples (ex: *Agora cê faz eu cair, tá? Faz ela morrer com revólver, mãe*). Neste uso a forma *fazer + V* estaria pronta para entrar numa relação de paráfrase com o item causativo lexicalizado correspondente. Levanta-se assim a hipótese de que a incorporação dos causativos lexicalizados *derrubar, matar, tirar*, apenas parcialmente analisados pela

criança (como mostra a existência dos desvios 1 e 2) passa pelo exercício de um recurso que expressa de modo transparente a noção de agentividade: a forma *fazer + V*. A isto chamamos de eficácia interna da forma composta e será este o tema do presente artigo.

## 2. A eficácia interna da construção *fazer + V*

Para iniciar a discussão, recolocaremos os fatos observados na fala de nosso sujeito de maneira um pouco mais ampla.

Ao longo dos 3 - 4 anos de idade, toda expressão interpretável como causativa (direta, manipulativa, na maioria dos casos); surgida na fala de A, pôde ser enquadrada numa de duas classes: a) enunciados aparentemente corretos; b) enunciados desviantes, transitivos, onde a ordem N V N se afigura como recurso gramatical, eleito pela criança, para marcar causatividade.

Os usos "incorretos" de itens como *cair*, *morrer*, *sair* em sentenças transitivas causativas (*Este balanço vai te cair*, *Quem morreu ele?*, *Eu saio você do berço*), ao lado dos usos aparentemente corretos dos verbos causativos correspondentes (*Eu derrubei o ma'cujã no chão*, *Quem vai matar ele?*, *A Pita tirou a casquinha do dedo*) estão a mostrar que a criança ainda não fez uma análise total do material lexical. Nossa hipótese para os desvios 1 (ver Figueira 1984 e Figueira 1985: p. 71-183), na medida em que afirma que A investe na ordem sintática como recurso para marcar certa estruturação semântica (Agente-Ação-Objeto), deixa implícito que ela não leva em conta as oposições lexicais<sup>3</sup>. Isto significa que embora tais itens ocorram (e muitas vezes corretamente) nos enunciados da criança, são formas ainda por analisar.

Quando e como tem lugar esta análise? Esta é uma pergunta que podemos nos colocar no quadro desta investigação. Já levantamos a hipótese de que a análise acima referida surge quando a criança tem oportunidade de começar a por em correlação *derrubar*, *matar*, *tirar*, já presentes em seu vocabulário (porém, apenas parcialmente analisados)

a *fazer cair*, *fazer morrer*, *fazer sair*, recém-incorporados, momento este que situamos na altura dos usos que faz de *fazer + V* para expressar causa direta manipulativa ( 4;8 - 4;9 ), depois desta forma ter ingressado na sua fala para recobrir outro domínio semântico (causa indireta, não-manipulativa). Neste momento, em que um item causativo simples tem oportunidade de entrar numa relação de paráfrase com a forma composta com *fazer*, recortando a mesma situação que aquele recorta, a criança desvelaria a relação entre *derrubar* e *fazer cair*, *matar* e *fazer morrer*, *tirar* e *fazer sair*<sup>4</sup>. Uma questão de estrutura lexical se encaminhando para ser descoberta, na medida em que o item causativo seria "visto" - por força de lhe ser conferido, na expressão analítica correspondente o morfema independente *fazer* - como um item complexo, no qual está inserida a noção de agentividade. Após o reconhecimento deste fato - continuemos nosso raciocínio - seria de se esperar que cada coisa caísse em seu lugar, isto é, que *derrubar*, *matar*, *tirar* passassem a integrar somente as construções causativas e nas não-causativas se estabilizassem os itens não-agentivos *cair*, *morrer*, *sair*. Na direção do domínio da "totalidade" do sistema (supondo que tal totalidade tenha existência efetiva), uma reação de efeito duplo, capaz de provocar um ajuste do tipo: cada item no seu contexto apropriado, ou cessação das ocorrências desviantes.

O primeiro destes movimentos de fato se verifica: olhando para o quadro geral do desenvolvimento da expressão de causatividade por A, notamos que depois do ingresso da forma *fazer + V* caem proporcionalmente os desvios 1. Porém, a contraparte deste fenômeno - que seria uma queda no número dos desvios 2 - não acontece. Durante e após a emergência em larga escala das construções com *fazer*, segue-se, em torno dos 4;7, um período de recrutamento dos desvios 2, cujo exemplo mais recorrente é *Tirou + SN* (= *Saiu + SN*). Dedicar-nos-emos neste artigo a interpretar apenas o primeiro dos fenômenos acima<sup>5</sup>.

Nossa hipótese, pondo em confronto dois conjuntos de dados (as ocorrências desviantes transitivas-causati-

vas *vs* as ocorrências com a forma *fazer + V*) faz uma predição sobre o surgimento de um outro recurso expressivo (as marcas de oposição lexical), e isto implica em considerar os seus limites face ao outro recurso (o sintático), que já se mostrou viabilizado num outro momento do desenvolvimento linguístico de A. Antes disso porém, é preciso verificar em que medida esta suposição pode ser corroborada pelos dados, individualmente.

Recordemos que a formulação acima, ambicionando do tar a construção *fazer + V*, além de uma eficácia externa, de uma eficácia interna, atribui a ela o papel de análise do material lexical. Ora, o léxico como recurso expressivo ou marca de relações de sentido é um domínio onde não cabem regras gerais produtivas. O processo de reconhecimento dos itens *derrubar*, *matar*, *tirar*, como *agentivos* e de *cair*, *morrer*, *sair*, como não-agentivos é local e independente de uma regra geral produtiva. Aliás, como se lê em Shibatani (1975:9): "tais verbos têm de ser aprendidos separadamente, pois não há nenhuma regra que os produza a partir de suas contrapartes não-causativas"<sup>6</sup>. Ao que parece, então, esta questão tem de ser equacionada individualmente. Se é assim, a busca de comprovação empírica também será local.

Se queremos verificar como a entrada de *fazer + V* levou a uma alteração do sistema ou subsistema vigente (predominantemente sintático), temos que procurar as marcas disto no comportamento dos itens verbais. Por exemplo, uma queda nos desvios 1 para aqueles pares em que a noção de causa e mudança é lexicalizada. Torna-se relevante assim observar o que se passa com certas classes de ocorrências, como: "*cair*" (uso transitivo) *vs fazer cair* (a serem analisadas em 2.1), "*morrer*" *vs fazer morrer* (a serem analisadas em 2.2), "*sair*" *vs fazer sair* (a serem analisadas em 2.3).

Um menor índice de desvios 1 envolvendo tais itens indicaria, em contrapartida, que os chamados usos "corretos" já estariam passando por uma análise, recebendo a chancela de "corretos consequente à análise" e não "corretos anteriormente à análise"<sup>7</sup>.

## 2.1. "Cair", fazer cair, derrubar

De 3;1 até 3;10 encontramos na fala de A um uso causativo de *cair*, num total de 12 ocorrências. Relacionamos abaixo algumas delas<sup>8</sup>:

- (1) (A pula em sua cama como se fosse a cama elástica da escola)  
A. Eu vou cair. A outra (cama) que *cai*. (= faz cair)  
(109 S - 3;1)
- (2) (A brinca de consertar a bicicleta numa parte que tinha sido a causa de tombos frequentes)  
A. Será que (a bicicletinha) não *cai* mais não? (= faz cair, deixa cair)  
(179 S - 3;2.27)
- (3) (A vai mamar; a mãe adverte-a de que na posição em que está não conseguirá fazê-lo, pois o leite cairá)  
A. Eu pego um travesseiro grandão e ele (o travesseiro) não *cai*. (= faz cair, deixa cair)  
( D - 3;5.20)
- (4) (Instruindo a mãe no manejo do Aquaplay)  
A. Cê *cai* aqui (as argolinhas). (= faz cair, deixa cair)  
M. Hã ?  
A. Cê *cai* aqui.  
(379 S - 3;8.14)
- (5) (Advertindo a mãe que se preparava para balançar no balanço do parquinho)  
A. Mãe, não sei se este balanço *vai* te *cair*. (= derrubar, fazer cair)  
( D - 3;8.15)

Fora deste período, bem mais adiante, encontramos ainda:

- (6) (A está dando gelatina na boca de Juliana, a irmãzinha; a mãe adverte)

M. Não deixa cair, hein?

(Juliana bate a mão na colher; A volta-se para a mãe, contrafeita, e responsabiliza a irmã)

A. Ela *caiu* (a gelatina).

( D - 4;7.14 )

É útil notar que nas ocorrências acima o agente causador é ou o ser humano envolvido diretamente na queda do objeto ou o instrumento que provoca ou pode provocar a queda. Para expressar tais situações a criança demonstra não dispor ainda, no período coincidente com o auge dos desvios, da forma com *fazer* (para o agente factivo) ou *deixar* (para o agente permissivo); conquanto use o causativo lexicalizado *derrubar* em outras instanciações, conforme se pode ver através de algumas ocorrências "corretas", como a abaixo transcrita:

- (7) (A mãe tinha recortado bonequinhas de papel e tentava colocá-las em pé em círculo, formando uma roda)

A. O *vou derrubar* !

(Mesma atividade, minutos depois)

A. O, *van' derrubar* !

(17º S - 3;2.27)

Assim, pode-se ver que, ao tempo da emergência maciça das ocorrências de "*cair*" por *derrubar* ou *fazer cair*, o item *derrubar* não está ausente do vocabulário da criança. Mas se por um lado, há evidência (aparente) de que A usa corretamente o item, por outro lado, as inúmeras ocorrências na mesma época, de *cair* em contexto causativo (onde seria de se esperar quer *fazer cair*, quer *derrubar*), por si sós já nos fazem suspeitar de que A não tem - a este tempo - um domínio do significado agentivo e não-agentivo destes itens. Em contexto causativo, tanto usa *cair* quanto *derrubar*. Em vista desta flutuação, é que se pode afir-

mar que o estatuto de tais itens na fala de A é o de formas parcialmente analisadas. Ou, em outras palavras, a criança ainda não chegou a descobrir a relação entre os itens *derrubar*, *agentivo*, e sua contraparte *cair*, não-agentivo.

Continuemos dizendo que até os 3;8 (cf. *Este balanço vai te cair*) nenhum sinal da forma causativa composta com *fazer*, que teria dado algo como *Este balanço vai te fazer cair*. Quase aos 4 anos encontramos duas sequências de *fazer cair* em contexto semelhante, isto é, numa sequência em que predomina a observação de segmento do mundo físico. Nesta situação interacional, o enunciado em que surge *fazer cair* parece claramente uma incorporação pela criança do discurso da mãe a ela dirigido numa ocasião, transformada em rotineira, em que se enfatizava o papel da chuva na queda das amoras.

- (8) (Mãe e filha se encaminham em direção à amoreira para colher amoras; no dia anterior tinha chovido)  
A. Hoje tem muita, mãe. A chuva *fazeu cair* amora no chão.

( D - 3;9.29 )

- (9) (De manhã, A vai em direção ao pé de amora)  
A. De noite a chuva *faz cair* a amora.

( D - 3;10 )

Alguns meses depois das ocorrências acima, registramos a ocorrência (10) abaixo, do tipo atribuição de responsabilidade, onde o agente é indireto (pois involuntariamente envolvido no acontecimento), numa construção por assim dizer independente de uma incorporação de segmentos da fala adulta.

- (10) (A mãe passa pelo lugar em que A está brincando; sem perceber esbarra na boneca de A; censura a criança)  
M. Ah! Anamaria! Sua boneca novinha, cê põe ela no chão sujo!  
A. Foi você que *fez* ela *cair*, viu!

( D - 4;0.16 )

À ocorrência (10) segue-se, alguns dias depois, uma ocorrência exemplar do ponto de vista de co-ocorrência dos itens aqui examinados, pois nela temos numa única sequência os três empregos: *derrubar*, *cair* e *fazer cair*. Trata-se de (11) abaixo:

- (11) (A é interpelada pela mãe, que pede explicações sobre um vidro de xampu derrubado no chão do banheiro)

A. Eu não *derrubei*. Ou *caiu* daqui (aponta o vidro), ou foi o vento que *fez cair*.

( D - 4;0.20 )

Nesta ocorrência o enunciado *O vento que fez cair (o vidro de xampu)* impressiona-nos pela espontaneidade com que é formulado, apresentando relativa independência do discurso anterior do adulto, diferentemente do que se pode ver em situações como (8) e (9), em que a forma *fazer cair* parece mais fixa, produto da incorporação da fala do adulto, em esquemas interacionais precisos.

O que se poderá afirmar diante do quadro acima, onde as ocorrências de "*cair*" são confrontadas com as de *fazer cair*? Uma das coisas que se pode dizer é que a entrada da forma composta determinou um recesso no procedimento em uso dos 3;1 aos 3;10. O uso transitivo-causativo do item *cair* desaparece quase totalmente<sup>9</sup>, dando lugar ao uso de *fazer cair*, e isto em dois tipos de construção. Inicialmente em construção em que a expressão *fazer cair* parece mais fixa, produto ainda da incorporação do discurso adulto (8 e 9); em seguida em construções menos fixas ou mais produtivas, que exibem maior flexibilidade em relação à fala do adulto, e onde se pode reconhecer a expressão tanto de causa indireta (10), quanto de causa direta (11). E aliás, a partir deste último emprego, que parece possível dizer que a entrada da forma *fazer cair*, explícita ou transparente quanto à marca de agentividade, tenha contribuído para desencadear a análise do item complexo *derrubar*, onde tal significado não se marca de maneira transparente ou analítica. Para confirmar esta hipótese contamos com duas ocorrências: (11) a-

trás e (12) abaixo, as quais mostram o domínio das relações entre as formas *cair*, *derrubar* e *fazer cair* por A, nesta altura de seu desenvolvimento.

(12) (A gaba-se de sua coragem em relação a chuva de granizo, a que assistira recentemente)

A. Eu não tenho medo de chuva !

M. Faz muito bem !

A. A chuva...a chuva num/num/num/num/num/num/num  
faz *cair* no chão .

M. A chuva num te derruba ?

A. Num faz *cair* no chão. Num *derruba*.

( 649 S - 4;2.26 )

Devemos notar contudo que estas são conclusões que se podem extrair do exame de *um* subgrupo em particular, o representado pelas expressões que indicam deslocamento espacial, com ou sem participação de agente. Naturalmente tais considerações - não as chamemos por ora de conclusões - deverão ser cotejadas com outras, aquelas a que se chegar a partir do exame dos outros subgrupos. Prossigamos assim nas comparações.

## 2.2. "Morrer", *fazer morrer*, *matar*

Este subgrupo apresenta algumas particularidades em relação ao subgrupo anterior. Comparado aos outros desvios 1 (por exemplo, "*cair*" por *derrubar*), as ocorrências de "*morrer*" por *matar* ou *fazer morrer* são um pouco tardias. Mas ao contrário das demais apresentam um fenômeno singular: a presença, nos usos pós-entrada da forma *fazer*, de reformulações ou auto-correções. Como veremos adiante, o mesmo se passa em relação às ocorrências de *sair* por *tirar*. Exemplos:

(13) (A vê cena de novela em que um personagem aparece debruçado sobre a mesa; impressionada, pergunta)

- A. Quem *morreu* ele?  
 M. Hein?  
 A. Quem *deixou* ele *morrer*?

( D - 4;5.19 )

- (14) (Vendo livro sobre animais, A interessa-se pe-  
 lo jacaré)

A. E' perigoso *morrer*, né? *Matar*, né? Esse  
 aqui tem veneno na boca. Ele *mata* pessoa.

( D - 4;6.25 )

- (15) (A apanha uma florzinha na jardineira e dá pa-  
 ra a empregada)

A. Eu *vou morrer* essa.

( D - 4;8.26 )

Salvo a última ocorrência, as outras duas já apre-  
 sentam, em seguida a instanciação de *morrer* como causa-  
 tivo, a correção espontânea para *matar* ou *deixar morrer*.  
 Ora, isto é suficiente para podermos afirmar que a cri-  
 ança já opera com a "noção" de que um juízo causativo  
 requer a escolha de um item lexical específico. O perí-  
 odo não é ainda, evidentemente, um período de estabilida-  
 de, pois a flutuação permanece, como o demonstram: pri-  
 meiro, a ocorrência aos 4;8.26 de *Eu vou morrer essa*  
*(florzinha)*; segundo, as ocorrências, também muito pró-  
 ximas do ponto de vista de datas, de *matar* por *morrer*  
 (desvio 2). Exemplo:

- (16) (Ao pegar um papel na grama do jardim, A des-  
 cobre uma taturana, inseto a que, em outra o-  
 casião, a mãe tinha se referido como "bicho que  
 queima)

A. Já *matou* o queimado? (= O queimado já mor-  
 reu?)

( D - 4;8.4 )

Tanto o fenômeno da auto-correção como a flutuação  
 parecem indicativos de que este subgrupo se beneficia  
 em termos da análise e do estabelecimento de relações

entre seus membros do que se supõe ter sido construído relativamente a outros itens verbais (por exemplo, *cair*, *derrubar*), cuja entrada se deu em momento anterior. Retomaremos este ponto adiante nas considerações finais.

Por volta dos 4;8 vêem-se surgir as ocorrências de *fazer morrer*. Aos 4;7.22, por exemplo, temos uma ocorrência interpretável como causativa não-manipulativa.

- (17) (A fala de um robô que aparece no filme de televisão e que exerce seus poderes sobre os personagens (seres humanos) sem tocá-los)  
 A. (...) Aquele negócio esquisito *fez* ele *morrer*, e depois aquele negócio esquisito pôs ele aí.

( D - 4;7.22 )

Aos 4;8.3 temos uma ocorrência que pode ser classificada como causativa manipulativa direta. Convém dizer - e isto é essencial para a nossa análise - que nesta ocorrência A toma o item da fala anterior da mãe, submetendo-o, contudo, à prefixação com *fazer*.

- (18) (A mãe examina a cabeça da filha)  
 M. O piolho mesmo morreu faz muito tempo.  
 A. Outro dia que cê tava lá fora cê *fez* ele *morrer* ?

( D - 4;8.3 )

### 2.3. "Sair", *fazer sair*, *tirar*

A primeira ocorrência de *sair* por *tirar* se dá bem cedo, aos 2;11.15.

- (19) (Vendo uma das unhas da mãe sem esmalte, A pergunta, alarmada e interessada)  
 A. Quem apagou, quem ?  
 Quem *saiu* este esmalte do dedo, quem? Foi eu? Foi eu? Quem apagou este esmalte daqui, quem?

( D - 2;11.15 )

Tal ocorrência convive com outras em que o verbo tirar aparece corretamente empregado. Vejam-se:

- (20) (A está tirando o chinelo do pé da mãe)  
A. *Tirei* chinelo da mamãe.  
( 1º S - 2;8.29 )
- (21) (A mãe, arrumando os brinquedos de A, vê uma boneca sem cabeça)  
M. Quem tirou a cabecinha da boneca?  
A. Alguém *tirou*, né ?  
( D - 3;1.9 )
- (22) (Indicando o tornozelo)  
A. Mãe, este sapato me machuca aqui neste joelho.  
Eu *vou tirar*.  
( D - 3;5.28 )

Mas o que deve ser ressaltado é que depois de *Quem saiu o esmalte do dedo?* outras ocorrências desviantes apareceram, num total de 17. Com mais força por volta dos 3;11. E daí em diante com uma frequência menor. Transcrevemos abaixo algumas destas ocorrências.

- (23) (Pedindo ajuda para sair do cadeirão de refeições)  
A. *Sai* eu daqui ! (= Tira eu daqui!)  
( D - 3;10.14)
- (24) (A vê filme musical na TV; a mãe muda de canal sem consultá-la; a criança protesta chorando)  
A. *Sai, sai* daqui! (= Tira, tira daqui!)  
(A mãe se afasta do televisor, entendendo que A lhe pedira para ela sair da frente)  
A. *Sai* daí! Põe lá na canta, põe! (= Tira daí, isto é, do canal)  
( D - 3;11.9 )
- (25) (Brincando com o Aquaplay, A vê as argolinhas se depositarem no cantinho)

- A. *Sai* prá mim, mãe! (=Tira...)  
 M. Que que você quer que eu faça?  
 A. *Sai* prá mim!  
 ( D - 3;11.13 )
- (26) (A manicure vai esmaltar as unhas da mãe de A;  
 A quer ajudar retirando a mesinha lateral auxiliar)  
 A. *Vamos sair* essa mesinha daqui ... (= Vamos sair...)  
 ( D - 4;0.10 )
- (27) (A tenta usar um saleiro que está entupido)  
 A. Não sei. Vê se você *sai* . (= Vê se você tira)  
 ( D - 4;3.1 )
- (28) (Juliana se enrosca no fio do microfone; a mãe pede ajuda a A para livrar Juliana)  
 A. *Sai* ela ! Pronto ! Desenrolou ! (= Tira ela!)  
 ( 70º S - 4;4.9 )
- (29) (A mãe vai colocar um ovo frito no prato de A;  
 esta protesta vivamente)  
 A (chorando) *Sai, sai!* *Sai* o ovo! *Sai!* *Sai!*  
 (= Tira, tira! Tira o ovo)  
 ( D - 4;7.14 )
- (30) (A mãe põe Juliana no berço; esta chora; A, conivente com a irmã, promete a ela)  
 A. Não chora não, viu Ju? Eu *sai*o você do berço. (= Eu tiro você do berço)  
 M. Que que cê falou prá ela, bem ?  
 A (de novo para a irmã, ignorando a mãe). Eu *sai*o você do berço, viu Ju?  
 ( D - 4;10.14 )
- (31) (A mãe chega na sala e encontra as cadeiras enfileiradas, Ju numa delas e Anamaria atrás)  
 A. Não *sai* ela, mãe. (=Não tira ela, mãe)  
 M. Hein?

- A. N<sup>õ</sup>s 'tamos brincando de trenzinho.  
 M. Hein? Que c<sup>ê</sup> disse?  
 A. N<sup>õ</sup>s 'tamos brincando de trenzinho.  
 M. N<sup>ã</sup>o... O que c<sup>ê</sup> pediu antes ?  
 A. N<sup>ã</sup>o *tira* ela.

( D - 4;11.12 )

Resta-nos agora apontar a emergência de *fazer* com *sair*, o que acontece por volta dos 3;11, num contexto de expressão de causa manipulativa direta.

- (33) (Brincando com o Aquaplay, A constata que algumas argolinhas ficaram presas no canto esquerdo)

A (para a mãe). Eu aperto aqui e *faço sair*.

( D - 3;11.13 )

*Fazer* ocorre também com *tirar*, numa enunciação em que, do ponto de vista do uso adulto, este parece dispensável.

- (34) (De noite, ao escovar os dentes, A molha a blusa do pijama; vai trocar, mas antes justifica para a mãe)

A. Molhou essa, n<sup>ê</sup> ? Eu *vou fazer tirar*.

( D - 4;9.5 )

Com a enunciação acima a criança parece manifestar a sua disposição ou intenção de ser ela mesma o agente (manipulativo direto) da troca da blusa molhada, caso em que poderia optar por dizer: *Eu vou tirar(a blusa)*. Se formos observar a data em que esta ocorrência tem lugar veremos que é o momento de maior incidência de *fazer* de todo o "corpus" de A ( 4;9 ), quando a criança estava em pleno exercício da forma, provavelmente superextendendo o seu uso.

Mas o fato que deve ser notado é que é por volta desta idade que se registram na fala de A as iniciativas de auto-correção (ver ocorrência (30), que data de 4;8.8 e (32), que data de 4;11.12). Tal fenômeno não nos parece

casual; pelo contrário, parece indicativo de que é em torno desta idade ( 4;8 a 4;11 ) que a criança está buscando a articulação entre os itens: *tirar* e *sair*, *fazer sair* e *tirar*.

### 3. Considerações finais

Tendo chegado ao final do exame dos subgrupos acima, devemos convir que o comportamento dos itens de um grupo para outro não é homogêneo, nem apresenta a mesma frequência ao longo dos mesmos períodos de concentração. Isto não deve nos surpreender. Primeiro porque o fenômeno de aquisição do léxico se cumpre localizadamente, atingindo um a um os itens, em diferentes momentos do processo. Segundo porque o processo de análise dos causativos lexicalizados, e que consiste em por em correlação dois termos, pode resultar consideravelmente abreviado quando o procedimento operacionalizado num primeiro momento para um subdomínio é levado e transferido para outro subdomínio, num segundo momento. Em outras palavras, não se deve esperar que cada novo item causativo complexo que dê entrada no sistema em construção pela criança passe pelas mesmas fases com a mesma intensidade; ou que tenha a sua trajetória marcada pelos mesmos fatos que o primeiro.

Perguntemo-nos agora: que peso as considerações feitas na seção precedente, relativas a cada subgrupo, podem ter na argumentação em favor da hipótese que levantamos, ou seja, a hipótese da eficácia interna da forma *fazer + V* ?

O subgrupo analisado em 2.1 nos fornece confirmação clara para a hipótese. Sendo a primeira classe a se organizar apresenta uma série maior de exemplos, o que resulta para o investigador numa classe privilegiada para observação, ou, por assim dizer, numa classe mais "didática", porque nela os processos de construção são mais evidentes e marcados. O mesmo não se pode dizer dos subgrupos analisados em 2.2 e 2.3. Em 2.2, dado o momento mais

avançado em que os itens *morrer*, *matar* entram no processo de aquisição, assiste-se a uma assimilação ao procedimento já vigente, que é rápida e já sujeita a auto-correção espontânea, beneficiando-se, por assim dizer, do "exercício" levado a efeito na elaboração do outro subsistema ou domínio. Em 2.3 o fenômeno da auto-correção também se verifica, só que, à diferença do anterior, os dados são mais numerosos e largamente explorados pela criança, do começo ao fim do período observado. Ressalvadas suas diferenças, os subgrupos 2.2 e 2.3 têm em comum um fenômeno que não pode ser ignorado: a auto-correção, atestada após a entrada de *fazer + V*. Tal fato pode ser considerado como uma tendência clara para a incorporação das formas lexicais adequadas, e, neste sentido, é compatível com a hipótese da eficácia interna da forma *fazer + V*.

Contudo, o que se vê no final do período observado não é uma situação uniforme ou acabada. Ou seja, não se tem perto dos 5 anos uma situação de completa ausência de desvios, seja do tipo 1 seja do tipo 2. E se é assim, é porque, na realidade, este período da fala de A reflete um sistema em construção onde forças distintas estão sendo organizadas enquanto recursos de expressão: ordem de palavras e léxico.

Este artigo, focalizando o papel da forma *fazer + V* na aquisição dos causativos lexicalizados, não deixa de ter em conta o quadro gramatical geral em que este fenômeno se inscreve. Pois afinal o subsistema de causatividade, cuja construção a criança está elaborando, é um todo heterogêneo, que faz apelo a recursos expressivos variados e simultâneos. Assim, somos levados a reconhecer que o trabalho da criança ao aprender a formular um enunciado causativo simples (ou sua contraparte não-causativa) não é apenas o de aprender a formular um conceito complexo numa forma superficial simples, mas é aprender a reconhecer as diferentes realizações de tal conceito, é aprender a lidar com a própria heterogeneidade do sistema. Em outras palavras, é saber qual noção se faz passar por qual procedimento; é saber que ora uma noção se

realiza pelo recurso único e exclusivo da ordem (*mover*, *quebrar*, etc), e que ora demanda também uma alteração na configuração do item verbal (*derrubar*, *matar*, *tirar*, etc).

Nesta altura não seria inadequado citarmos Lyons, numa passagem onde, sem querer levantar uma hipótese sobre aquisição da linguagem, o autor faz uma observação que nos é pertinente.

"É uma questão de estrutura lexical que faz que se diga *John killed Bill*, e não *\*John died Bill/ João morreu Guilherme*. A relação sintática e semântica entre *kill* e *die* é daquelas que a criança, ao aprender uma língua, virá a reconhecer, assim como virá a reconhecer a relação entre os usos transitivos e intransitivos da classe de verbos que inclui *mover*.

(Lyons 1977:372)

A parte a questão da identificação dos itens que pertencem à classe dos causativos sintáticos e daqueles que pertencem à classe dos causativos lexicalizados, este artigo procurou por em destaque o papel estruturador da forma *fazer + V* no domínio dos causativos lexicalizados. Ora, esta função intralingüística atribuída à forma analítica só pode ser concebida quando se postula, como De Lemos (1982:119-120), que a linguagem, além de ser ação sobre o outro e ação sobre o mundo, ou aquilo que foi acima referido como relevando de sua eficácia externa comunicativa, é também ação sobre si mesma (eficácia interna). Isto é, quando se admite que uma das atividades da criança ao aprender uma língua seja a de operar sobre o objeto linguístico, nas mais diferentes direções.

Não foi outro, aliás, o quadro de assunções teóricas em que nos situamos para desenvolver a análise dos nossos dados. Nosso trabalho, cumpre lembrar nestas considerações finais, converge para um ponto de vista interacionista-constructivista na abordagem da aquisição da linguagem (De Lemos 1982, 1984, 1985), desde a assunção dos pressupostos teórico-metodológicos básicos até os

resultados empíricos constatados. Com efeito, é só quando se tem presente um tal quadro teórico que se pode admitir com naturalidade que nossa investigação sobre a fala de A, suspensa aos 5 anos de idade, não identifica neste limite de idade o final do processo de construção do subsistema de causatividade. Apenas reconhece um ponto em que forças distintas estão em vias de organização.

## NOTAS

1. Os dados analisados foram obtidos em diário e em sessões semanais de gravação de interação informal da criança com um adulto em ambiente familiar, totalizando 109 sessões ou 82 h de gravação. Tais dados integram o Projeto de Aquisição da Linguagem, coordenado pela prof. Cláudia de Lemos, do Departamento de Linguística da UNICAMP.
2. A palavra desvio pode suscitar algumas idéias inadequadas em relação ao que queremos significar, tais como a de que as ocorrências são esporádicas, marginais, ou então - o que é pior - que o sistema de expressão da criança, comparado ao do adulto, é incompleto e precário, sendo insuficiente como meio de comunicação. Uma e outra interpretação são falsas. Porém, na falta de vocábulo melhor estamos mantendo este, lembrando que o utilizamos no sentido em que vem sendo usado na literatura, isto é, como sendo o resultado de uma hipótese supergeneralizada da criança sobre a organização gramatical da língua a que está exposta, hipótese esta sem confirmação total no sistema lingüístico adulto. Dentro deste contexto, o termo não se presta a nenhuma carga pejorativa.
3. Na verdade a criança constrói enunciados causativos como se os itens *cair*, *morrer*, *sair* se comportassem como os itens da classe de *mover*, *abrir*, *quebrar* (causativos sintáticos, ver Lyons 1977:379-380), em que o *mesmo* item, sem variação na sua configuração morfológica, pode integrar tanto uma estrutura intransitiva, para expressar alteração ou mudança (*A pedra moveu*, *A porta abriu*, *A vidraça quebrou*), quanto uma estrutura transitiva, para expressar causatividade (*Paulo moveu a pedra*,

*Pedro abriu a porta, O menino quebrou a vidraça).*

4. A descoberta da relação de paráfrase como consolidação de uma análise é mencionada por De Lemos (1984), em relação, por exemplo, a algumas ocorrências do "corpus" de Luciano (2;1), em que o diálogo da criança com a mãe mostra retomadas da palavra *sujo* na sua versão analítica *não limpo*. Nesta, o *não*, precedido do antônimo de *sujo*, teria um estatuto de operador, não muito distante do que parece ter, *mutatis mutandis*, o nosso *fazer*.

5. Para a análise do segundo tipo de desvio remetemos o leitor para Figueira (1982) ou para Figueira (1985), onde um exame global da construção do subsistema de causalidade na fala de A é realizado.

6. A tradução é nossa.

7. Deve-se ter em mente que, no processo de aquisição da linguagem, a correção aparente dos enunciados da criança em fases iniciais esconde um estágio de não-análise ou de pré-análise, o que propicia da parte do leigo que convive com a criança julgamentos precipitados, os enunciados produzidos sendo apontados como modelos de perfeição. Mas o investigador está naturalmente prevenido contra tais opiniões. Sabe que a aquisição de cada nova estrutura linguística passa por fases, das quais a primeira é a de incorporação de segmentos da fala do adulto, os quais são adiante são analisados e incorporados em subsistemas, sendo comum na primeira fase uma aparente correção (ver De Lemos 1982, 1984 ou resenha desta autora em Figueira 1985:111-122).

8. Na transcrição dos dados usamos os seguintes sinais: iniciais D e S para a fonte de coleta, diário ou sessões de *audiotape*; parênteses para informação sobre o contexto de enunciação; itálico para a ocorrência a ser comentada. Na transcrição dos dados não estão reproduzidos todos os aspectos fonéticos-fonológicos da fala de nosso sujeito, tendo em vista os objetivos desta pesquisa, voltada para os aspectos gramaticais da fala.

9. A ressalva é feita por causa da ocorrência (6), cuja emergência fora do período maciço de desvios "*cair*" por *fazer cair / derrubar*, poderia ser interpretada como u-

ma retomada ocasional, ão sistemática, de um recurso praticado de forma produtiva e exclusiva em fase anterior do desenvolvimento lingüístico de A.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DE LEMOS, C.T.G. (1982) "Sobre aquisição de linguagem e e seu dilema (pecado) original". *Boletim da Abraelin*, 2:97-126.
- \_\_\_\_\_. (1984) "L'attivitã del bambino sul linguaggio como oggetto di conoscenza" (1ª e 2ª parte). Conferência apresentada na Università degli Studi di Roma "La Sapienza". Roma.
- \_\_\_\_\_. (1985) "Interactionist approaches to language acquisition". Conferência apresentada no 8º Encontro da Sociedade Internacional para o Estudo do Desenvolvimento do Comportamento. Tours, julho de 85.
- FIGUEIRA, R.A. (1982) "Aprendendo a estrutura dos enunciatos que indicam mudança de estado/locação sem participação de agente". *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 3:40-82. Universidade Estadual de Campinas.
- \_\_\_\_\_. (1984) "On the development of the expression of causativity: a syntactic hypothesis". *Journal of Child Language*, II:109-127. Cambridge: Cambridge University Press.
- \_\_\_\_\_. (1985) "Causatividade: um estudo longitudinal de suas principais manifestações no processo de aquisição do português por uma criança". Tese de doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.
- \_\_\_\_\_. (1986) "Agente e culpado: papéis que se recobrem na aquisição da construção causativa com *fazer*". *Revista Ibero-americana*, III,16: 36-54. Jürgen Meisel (ed.). Frankfurt:Vervuert.
- LYONS, J. (1968) *Introduction to Theoretical Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press. Trad.br. 1977.
- SHIBATANI, M. (1975) "A linguistic study of causative constructions" Tese de doutorado. Berkeley: Universidade da Califórnia.